

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência – RIFIOTIS, Fernanda Cruz. Jovens “egressas” de serviços de acolhimento: a virada no jogo das relações de parentesco. Anuário Antropológico, Brasília, v. 42, n. 1, p. 61-85. 2017.

2) Resumo e Palavras-Chave – No presente artigo, analiso as maneiras como cinco jovens (Nicole, Nina, Olívia, Clarissa e Virgínia) “egressas” de serviços de acolhimento institucional (abrigos, casas-lares) vivenciam seus laços afetivos de parentesco. Para além dos possíveis desdobramentos das experiências de institucionalização sobre as relações de parentesco, tais como o rompimento de vínculos ou a reaproximação com os familiares, pretendo pensar no que tenho chamado de “virada no jogo das relações de parentesco”. Com tal expressão também pretendo contemplar as mudanças de posição das jovens no que diz respeito às relações que estabelecem. Para tanto, observo como as jovens experimentam esse processo de desfazer categorias naturalizadas de parentesco (pai, mãe, relative), o qual vem acompanhado de uma “quebra de expectativa” quanto aos elementos e às substâncias que deveriam constituir e fortalecer as relações de parentesco. A análise tem como base uma etnografia realizada entre 2010 e 2013 sobre a desinstitucionalização de jovens que, sob medida de proteção, foram encaminhadas para abrigos e/ou casas-lares, onde passaram grande parte de sua infância e adolescência.

Palavras-chave: não identificado.

3) Objetivo do estudo – O estudo objetiva analisar as maneiras como cinco jovens (Nicole, Nina, Olívia, Clarissa e Virgínia) “egressas” de serviços de acolhimento institucional (abrigos, casas-lares) vivenciam seus laços afetivos de parentesco. Para além dos possíveis desdobramentos das experiências de institucionalização sobre as relações de parentesco, tais como o rompimento de vínculos ou a reaproximação com os familiares, pretendo pensar no que tenho chamado de “virada no jogo das relações de parentesco”. Com tal expressão também pretendo contemplar as mudanças de posição das jovens no que diz respeito às relações que estabelecem.

4) Tipo de pesquisa – Estudo exploratório do tipo qualitativo.

5) Período da pesquisa – 2010 e 2013.

6) Forma de coleta de dados – A pesquisa, envolvendo a observação sistemática desses sujeitos e também entrevistas em profundidade, foi empreendida com 5 jovens que moravam em Santa Catarina (Florianópolis, Palhoça) e no Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Ijuí e Sapiranga).



7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – A análise tem como base uma etnografia realizada entre 2010 e 2013 sobre a desinstitucionalização de jovens que, sob medida de proteção, foram encaminhadas para abrigos e/ou casas-lares, onde passaram grande parte de sua infância e adolescência. É possível pensar que a “virada” procura dar conta de uma inversão no curso das relações parentais e, ainda mais, demarca uma “quebra de expectativa” das jovens sobre o que deveria constituir e fortalecer tais relações, ou seja, sobre as maneiras de “fabricar o parentesco” (Vignato, 2014:93). Proposta por Roy Wagner (2011) interessa-me ter em vista essa ideia do parentesco como um jogo, ou seja, como “uma forma de estratégia” usada pelos sujeitos nas conexões que estabelecem. E, em se tratando de uma estratégia, é interessante pensar como essas jovens se tornam agentes poderosos nas negociações de parentesco (Schrauwers, 1999).

8) Resultados / dados produzidos – Um primeiro aspecto dessa “virada” estava relacionado àquilo que chamei de “quebra de expectativa” quanto aos elementos e substâncias que deveriam constituir e fortalecer as relações parentais, e também às maneiras de realizar o parentesco. Analisando os relatos das experiências das jovens, observei que o sangue, como substância compartilhada, pode estabelecer laços hipoteticamente inquebrantáveis entre os parentes, mas tais laços carregam também imperativos morais que motivam os sujeitos a agir de maneiras específicas (Schrauwers, 1999). Assim, para algumas jovens, o sangue foi sendo desnaturalizado (por diferentes eventos) como lugar incontornável na produção das relações de parentesco. Tal desnaturalização foi sentida por algumas jovens como uma verdadeira “quebra de expectativa” a respeito daquilo que o sangue pode produzir, sobretudo em termos de afeto. Para as jovens, a desinstitucionalização veio acompanhada daquilo que seria um segundo aspecto da “virada”: a abertura a outras formas de relatedness (Carsten, 2000). O parentesco, para as três, se tornou uma questão de afeição e escolha: são parentes aqueles com quem se pode contar. Por fim, com a “virada no jogo das relações de parentesco” procurei mostrar que não se tratava apenas de pensar que o acolhimento institucional produz o afastamento ou a reaproximação das jovens em relação a seus familiares, mas sim de algo mais complexo que envolve a transformação dos próprios sujeitos e das suas concepções de família.

9) Recomendações – Não identificado.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.